



## ***Boletim GeoÁfrica***

**Volume 3, Número 9, janeiro - março de 2024**

### **EDITORIAL. ÁFRICA(S) E EDUCAÇÃO ANTIRACISTA NA SALA DE AULA NA ÁFRICA E NO BRASIL**



*Por Frédéric Monié*

1

*Frédéric Monié*

Departamento de Geografia e Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG),  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Coordenador GeoÁfrica  
orcid.org/0000-0002-8738-3301  
Contato. fredericmonie@igeo.ufrj.br

Como citar

MONIÉ, Frédéric. Editorial. África(s) e educação antirracista na sala de aula na África e no Brasil. **Boletim GeoÁfrica**, v. 3, n. 9, p.1-6, jan.-mar. 2024.



## EDITORIAL. ÁFRICA(S) E EDUCAÇÃO ANTIRACISTA NA SALA DE AULA NA ÁFRICA E NO BRASIL

2

O dossiê temático do nono número do *Boletim GeoÁfrica*, organizado por Frédéric Monié, é dedicado ao “ensino da e na África”, no próprio continente africano e no Brasil, e à educação antirracista. No Brasil, a adoção da Lei 10.639 (2003) tornou obrigatório o ensino da História e da cultura africana e afro-brasileira nas escolas do país. A Lei, sancionada pelo governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, assim como a adoção paralela de políticas de ação afirmativa, pode ser considerada o produto de décadas de lutas do movimento negro, da vitalidade dos pré-vestibulares comunitários, da ação de intelectuais e artistas ou, ainda, da incorporação, mesmo de forma reticente e parcial em alguns casos, dessas problemáticas na agenda de partidos políticos e sindicatos. Desde então, apesar dos desafios enfrentados, a aplicação da “Lei das africanidades” não sofreu contestações muito relevantes, as linhas de pesquisa centradas em questões relacionadas ao continente africano, à diáspora afro-brasileira, ao racismo nas suas mais diversas dimensões, as publicações científicas foram se multiplicando enquanto “alunos cotistas” que estudaram a história e à cultura africana e afro-brasileira em estabelecimentos escolares ingressavam nas Universidades.



Abrindo nosso dossiê temático, o artigo da professora moçambicana Daniela Silvestre Januário Biché, intitulado *Análise do insucesso escolar no ensino secundário geral: Principais causas e consequências*, reflete sobre a questão do insucesso escolar em países da África austral, com destaque para o caso de Moçambique. No ensino secundário, o chamado fracasso escolar revela-se um fenômeno multidimensional, relacionado a fatores diversos como o abandono da escola por parte de alunos, dificuldades dos discentes de adequar-se aos métodos de ensino dos docentes, a pobreza material etc. A autora ressalta, também, a pertinência de variáveis mais subjetivas, como a baixa autoestima de alunos que pode ser alimentada por suas condições sociais, culturais ou étnicas, o baixo “nível educacional” dos pais etc. O insucesso escolar não penaliza



somente jovens, mas também o desenvolvimento socioeconômico nacional, cada vez mais tributário de capital social.

Por sua parte, a contribuição de Natália Micheli Villa & Sergio Aparecido Nabarro propõe uma reflexão teórico-metodológica revelando alguns dos desafios enfrentados pelo processo de construção de uma educação antirracista no Brasil, no contexto dos avanços registrados após a adoção da Lei n.º 10.639/2003 – e da Lei 11.645/2008, que inclui o ensino obrigatório da cultura indígena. O artigo, intitulado *Ensino de geografia: contribuições por uma educação antirracista*, aponta, por exemplo, as dificuldades de elaboração de práticas pedagógicas antirracistas “em espaços plurais, reproduzindo lugares e fortalecendo suas identidades nestes espaços”.

O texto de Marilyn Beloni Laureano & Margarida de Cassia Campos, que tem por título “*Aprendendo a desaprender*”: *educação antirracista por meio de bonecas*, ressalta os benefícios do reconhecimento da diversidade religiosa e racial dos povos negros da formação social brasileira, para propor “um material didático com abordagens que valorizem o diálogo, o reconhecimento, e a valorização dessa comunidade”. As autoras recorreram a bonecas negras para construir eixos de diálogo e reflexão com aluna/os de uma escola estadual do Paraná (Sul do Brasil), contribuindo, desta forma, para a luta contra o racismo estrutural.

Em *A expressividade nos cantos ritualísticos de vissungos*, Luana Vianna da Silva aborda a problemática da diversidade do português brasileiro e das condições de sua difusão na sociedade, a partir do exemplo dos *vissungos* que ilustram as conexões que se estabelecem entre essa língua e a expressão cultural de uma determinada comunidade.

O nosso dossiê temático é completado por uma série de entrevistas que alimentam, ao nosso ver de forma muito relevante, alguns debates relacionados às temáticas em tela. Tânia Luz e Luanda Machado de Oliveira, professoras da Escola municipal Friedenreich no Rio de Janeiro, evocam alguns dos *Desafios para o ensino da África no ensino básico* que enfrentaram antes e depois da adoção da Lei n.º 10.639/2003. Desde então, iniciativas individuais e coletivas, mas também institucionais, foram essenciais para construir os caminhos de um ensino da África e da cultura afro-brasileira livres de seus estereótipos tradicionais.

Em *Os currículos das disciplinas Geografia da África no ensino superior no Brasil*, Raquel Mendes, doutoranda em Geografia na Universidade de Campinas (UNICAMP) (Brasil), evidencia as dificuldades do meio acadêmico em adequar-se aos desafios impostos pelas exigências da Lei n.º 10.639/2003. Durante sua pesquisa de Mestrado, a geógrafa, orientada pelo Professor Ratts,



investigou detalhadamente e criticamente os currículos das disciplinas relacionadas ao continente africano nos departamentos de Geografia de diversas Universidades brasileiras. Raquel Mendes assevera que considerando o “baixo quantitativo de cursos de Geografia que dispõem de disciplinas sobre África e pelo tímido avanço na produção de pesquisas de pós-graduação na área” e os “relatos dos docentes do ensino superior acerca de suas trajetórias formativas e de suas práticas pedagógicas, ainda há muito a ser consolidado”. No entanto, a doutoranda pondera que as parcerias que estabelecidas entre pesquisadores de diversas instituições e o conteúdo de disciplinas de Geografia regional da África em cursos de graduação são suscetíveis de consolidar itinerários relevantes na construção de um “novo ensino” da África.

Professora e pesquisadora da Universidade Rovuma, na cidade moçambicana de Niassa, a Doutora Alice Castigo Binda Freia conta como, após ser orientada pelo Estado moçambicano à ingressar numa carreira de professora na cidade de Beira, ela acabou desenvolvendo um interesse crescente para a prática docente que a levou a pesquisar sobre o Ensino da Geografia. Apesar das ambiguidades relacionadas ao contexto da implementação do ensino da Geografia pelo colonizador português, a disciplina ganhou uma vitalidade crescente em diversos níveis do ensino. A Professora Freia destaca três desafios maiores para a atual Geografia universitária: a melhoria da qualidade de formação dos professores; o desenvolvimento da pesquisa e sua internacionalização.

Enfim, o professor Samuel Chumane expõe alguns dos desafios enfrentados pelo *Ensino bilingue para as pessoas surdas em Moçambique*. Após apresentar estatísticas e dados sobre a distribuição dos surdos entre as diferentes províncias do seu país, o professor da Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane de Maputo ressalta as dificuldades de acesso à educação das pessoas surdas, mais especificamente nas áreas rurais. Apesar da existência de um quadro regulatório consolidado (Plano Nacional de Educação de 1995; Projecto de Escolas Inclusivas de 1998; Estratégia de Educação Inclusiva e Desenvolvimento de Crianças com Deficiência para o período 2020-2029 etc.), o pesquisador assevera que “as políticas deveriam ser suficientes para garantir o acesso às redes de ensino se a sua concepção envolvesse investigadores nacionais e sem intervenção de políticas externas”.





Na sessão *Varia*, que apresenta contribuições extremamente diversas, os professores Olindo Nhamaze Soca, Manuel Marcos Aussene & Lázaro José propõem uma reflexão sobre *A (des) construção do Estado pós-1990 e as suas implicações nas relações estado-cidadão em Moçambique*. Quatro bases de dados foram exploradas pelos pesquisadores para estudar a evolução da relação Estado-cidadão e da democracia a partir da década de 1990. Foi, em particular, observada uma perda de confiança nas instituições e nas elites nacionais por parte da população que prejudica a construção de um espaço democrático pleno no país.

Por seu lado, Lídia Marques da Silva estuda os *Patrimônios carnavalescos africanos em Bissau, Luanda e São Vicente*. Sua análise evidencia as conexões e fusões múltiplas entre influências portuguesas e de diversos países margeados pelo Oceano Atlântico. A pesquisadora analisa de que maneira os “desfiles de carnaval representam ferramentas interculturais de convivência e fortalecimento entre as diferentes comunidades étnicas, além de demarcá-las culturalmente no resgate de elementos ancestrais”.

O último artigo da sessão *Varia*, intitulado *Estoques hídricos no solo como indicadores climáticos de atendimento de demandas evapotranspiratórias em culturas agrícolas anuais em dois municípios sob condições típicas da Amazônia oriental e África austral* analisa, a partir de diversos bancos de dados e experimentos em campo, como o conteúdo hídrico no solo influencia as culturas agrícolas em Santarém e Maputo. A equipe de pesquisa formada por Dilma Ázira Ismael Carlos, Rnélison Angly Da Silva Santos, Leila Sheila Silva Lisboa & Lucieta Guerreiro Martorano concluem que “a irrigação com potes de argila garante o atendimento da demanda hídrica das culturas em períodos secos, mantendo a oferta de alimentos na mesa do produtor rural de base familiar” e contribuindo, assim, para a segurança alimentar.



A sessão *Áfricas na Pós-Graduação* apresenta pesquisas de Mestrado e Doutorado recém-concluídas cujas temáticas, linhas de abordagem, procedimentos metodológicos e/ou contribuição teórico-conceitual são considerados relevantes. Convidado deste número, Gilberto Necas Mucambe Milice, Professor Auxiliar no Departamento de Rádio e no Departamento de Navegação Marítima da Escola Superior de Ciências Náuticas (ESCN), Moçambique, apresenta seu itinerário



de pesquisador durante a realização de sua tese de Doutorado em Linguística intitulada *Didáctica de Leitura no Contexto da Educação Inclusiva em Moçambique: Abordagens Psicolinguísticas e Práticas Metodológicas* que ele defendeu em 2024 no Departamento de Linguística e Literatura, da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane em Maputo.



Boa Leitura!!!